



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

7/2014

ATA DA SESSÃO EVOCATIVA DO 40º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Aos vinte e quatro dias do mês de Abril, do ano dois mil e catorze, pelas dezassete horas, reuniu a Assembleia Municipal de Odivelas, em **Sessão Extraordinária**, no Regimento de Engenharia 1, na Pontinha, sob a Presidência de Miguel Filipe Pardal Cabrita, Secretariada por António Real da Fonseca, e Paula Paçó, respetivamente 1º e 2º Secretários, com a seguinte Ordem de Trabalhos. -----

PONTO ÚNICO – SESSÃO EVOCATIVA DO 40º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 2014 -----

Nos termos legais aplicáveis, realizaram-se as seguintes substituições:-----

Na bancada do **PS**, o Membro da Assembleia Municipal **Rui Cabral**, pelo Membro **João António**; -----

Na bancada do **PS**, o Membro da Assembleia Municipal **Edgar Valles**, pelo Membro **Carlos Barreto**;-----

Na bancada do **BE**, o Membro da Assembleia Municipal **José Falcão**, pelo Membro **Paulo Sousa**; -----

Na bancada do **BE**, o Membro da Assembleia Municipal **João Curvêlo**, pelo Membro **Luís Santos**; -----

Distribuída a folha de presenças aos Membros da Assembleia Municipal, registou-se a presença de **32** Membros da Assembleia Municipal, registando-se as seguintes ausências:-----

- Pela bancada do **PS**, o Membro **José Miguel Ramos** -----
- Pela bancada do **PS**, o Membro **Alcina Trindade** -----
- Pela bancada do **PSD**, o Membro **Deolinda Maria Lamas Martins** -----
- Pela bancada da **CDU**, o Membro **António Pedro** -----
- Pela bancada da **CDU**, o Membro **Fernando Painho** -----



Assembleia Municipal de Odivelas

ba
P

A Câmara Municipal fez-se representar na Assembleia Municipal, nos termos legalmente aplicáveis, tendo estado presente a Senhora Presidente da Câmara Municipal de Odivelas, Susana de Carvalho Amador e os 10 Vereadores que compõem o executivo camarário.

Havendo quórum, o Sr. Presidente da Assembleia deu início à Sessão Evocativa do 40º Aniversário do 25 de Abril

Com a atuação do **Grupo Coral dos Pequenos Cantores da Pontinha**.

De forma a registar tão marcante acontecimento na nossa história política, nesta Comemoração foram proferidas intervenções políticas dos Presidentes da Assembleia e Câmara Municipal e respetivos representantes das Bancadas, com assento nesta Assembleia Municipal.

Pelo **Senhor Presidente da Assembleia Municipal**, foi então dada a palavra aos ilustres convidados, no sentido de proferirem alocuções alusivas ao tema supra citado.

Usou da palavra a **Sr.ª Presidente da Câmara Municipal, Susana Amador**

"SENHOR PRESIDENTE DA AMO,

SENHORES DEPUTADOS MUNICIPAIS,

SENHORES VEREADORES E VEREADORAS,

SENHORES E SENHORA PRESIDENTES DE JUNTA,

MUNICIPÁLIA,

AUTARCAS,

COMANDANTE RE1,

DIRETOR INSTITUTO DE ODIVELAS,

ENTIDADES MILITARES,

ENTIDADES CIVIS E TECIDO ASSOCIATIVO,

CORPORAÇÕES DE BOMBEIROS,

ENTIDADES RELIGIOSAS,

COMUNICAÇÃO SOCIAL,

CONVIDADOS,

Há datas maiores na nossa história, há acontecimentos maiores que não se esquecem e há sentimentos e feitos coletivos que perduram porque também eles são maiores do que nós, são maiores do que o tempo,



Assembleia Municipal de Odivelas

são maiores do que o medo e profundamente libertadores. Abril foi isso tudo num só dia, numa só noite, numa singular e inspiradora madrugada. Como diz Eduardo Lourenço "Uma Revolução é talvez isso: não se sabe para onde se vai, mas segue-se em frente por fidelidade a sonhos mais poderosos do que cada um de nós". -----

Abril foi exatamente aqui, está aqui tão perto de nós que parece longe. -----

Partimos hoje de novo deste local emblemático, do Quartel do Regimento de Engenharia 1 onde permanece vivo o espírito de Abril no Posto de Comando, mas também na relação estreita entre os Militares e o poder local e entre o poder local e a população. -----

Permanece aqui vivo esse ideário porque a autarquia, o exército, a escola e a população assim o exigem, porque a história política tem que ser revisitada, refletida, respeitada e vivida nos ideais que lhe estão subjacentes. -----

Por isso lutámos sempre pela manutenção do Regimento de Engenharia 1 na Pontinha, para que assim continue imaculado, inteiro e limpo o sonho de abril, o sonho de um povo. -----

Abril aqui tão perto... -----

Com o 25 de Abril, e ao longo destes 40 anos, o país transformou-se, progrediu e modernizou-se. E Muito dessa mudança e do nível de desenvolvimento que hoje alcançámos deve-se, indubitavelmente, ao Poder Local Democrático. -----

*Nessa mudança de paradigma, uma das melhores conquistas foi a legitimidade democrática do Poder Local. Um Poder Local que ganhou na Constituição da República Portuguesa e na Carta Europeia da Autonomia Local, por direito próprio, **a sua autonomia e independência**, fator que o tornou um pilar essencial da Democracia. Porque, sem Poder Local autónomo, sustentado e interveniente não há Democracia efetiva e plena. E não podem persistir dúvidas em quanto a isso.* -----

*Os municípios são hoje cada vez mais os grandes promotores da **cultura, da valorização do património histórico, da preservação e recuperação das tradições e da dinamização e fomento da criatividade artística e cultural**, contribuindo de forma determinante para a democratização da cultura, através da igualdade de oportunidades no acesso aos serviços e oferta culturais.* -----

Os autarcas portugueses, enquanto titulares dos órgãos de poder mais próximos das populações, são diariamente confrontados com as necessidades cada vez mais graves e intensas das pessoas, pelo que, não conseguem evitar o impulso de agirem para colmatar as dificuldades e responderem a novas exigências, muitas delas fortemente agravadas nos últimos três anos. -----

O argumento de que Portugal, no quadro da UE, regista um gasto superlativo com as despesas sociais e apoios às famílias comparativamente com os restantes parceiros europeus, não corresponde à verdade. Os apoios económicos às famílias portuguesas são bastante inferiores à média da EU. Em Portugal esses apoios correspondem a 1,5% do PIB, enquanto que, a média europeia situa-se em 2,3%. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

O Relatório do Observatório das Famílias e das Políticas de Família, publicado em 2013, retrata a realidade dramática em que as famílias portuguesas vivem hoje. Desde 2009, 500.000 crianças perderam o apoio (situando-se em valores idênticos de há 10 anos), 46.000 pessoas ficaram sem RSI, o que corresponde a uma redução de 30%, em contrapartida, foram abertas mais de 800 cantinas sociais. Aliás, o que revela uma visão extremamente assistencialista da política de apoio às famílias e pessoas, na qual não nos revemos. -----

Com efeito, nos últimos anos e nas mais recentes intervenções legislativas, estamos a assistir a uma **inversão da ideia constitucional de autonomia local**, a qual assume elevada relevância político constitucional ao ser salvaguardada pelos limites materiais da revisão constitucional (art. 288.º CRP). -----

Essa inversão do sentido da história e a perda do “acquis” constitucional aprofundado ao longo das últimas décadas tem estado espelhada nos sucessivos cortes das verbas oriundas do Orçamento de Estado (redução de 347M€ entre 2010 e 2013 e a redução de 51M€ prevista para 2014), na alteração do regime de endividamento, na Lei de Cabimentos e Compromissos, a redução generalizada da receita da Derrama e do IMI, a insuficiência das verbas para o cumprimento das competências transferidas para os municípios, quer através do Fundo Social Municipal (FSM), quer por via de acordos e contratos, o atraso no processamento dessas transferências, a cativação abusiva de receitas e o atraso no pagamento das dívidas, constituem sérias ameaças à capacidade de intervenção dos municípios. -----

Caros Deputados, Vereadores e Convidados, -----

São hoje os municípios os mais acérrimos defensores da **Escola Pública**, designio esse que se **materializa na construção de escolas modernas, seguras e adequadas à aprendizagem das crianças e jovens**, são os autarcas que promovem a igualdade no acesso ao ensino e o sucesso educativo e que combatem o abandono escolar precoce, através do fornecimento de refeições escolares, dos apoios sociais e dos transportes escolares, bem como, em muitos casos, oferecem os livros e manuais escolares para garantir que as crianças dispõem dos recursos pedagógicos adequados e necessários. -----

Nas últimas décadas, os portugueses adquiriram uma nova consciência sobre a importância da escola. Finalmente, deixámos de ser “os últimos da Europa” nas áreas da educação e da ciência. A Educação é há muito tida como um princípio fundamental para o desenvolvimento humano, social e económico, pelo que, está consagrado em vários acordos e convenções internacionais, nomeadamente, na Declaração dos Direitos Humanos (Artº. 26º) e na Convenção dos Direitos da Criança (Artºs. 28º e 29º) e na Constituição da República Portuguesa (CRP). -----

A escola, e em particular a escola pública, é um dos sucessos maiores do Portugal democrático. Nunca investimos mais do que a média europeia no sector da Educação e, mesmo assim, em poucas décadas conseguimos superar um atraso de séculos. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

No plano quantitativo, os progressos revelam-se na universalização da educação básica, na redução do analfabetismo ou na expansão da ciência e do ensino superior. No plano qualitativo, é importante assinalar a melhoria das aprendizagens dos alunos portugueses que, atualmente se situam na média dos países da OCDE. -----

São progressos muito significativos, mas ainda insuficientes. As desigualdades sociais continuam a marcar os percursos escolares dos alunos e a população adulta possui níveis muito baixos de educação e qualificação. -----

A crise económica é gravíssima, mas, no caso da educação, serve de pretexto para políticas passadistas e retrógradas que, há muito, vinham sendo desenhadas nos círculos da Direita mais conservadora: indiferença perante as desigualdades; encaminhamento precoce dos alunos para vias profissionais; desinteresse pela formação e qualificação dos adultos; desvalorização da escola pública e dos professores; desinvestimento no ensino superior e na ciência; etc. -----

Segundo dados preliminares da PORDATA, as despesas do Estado em educação foram reduzidas para 4% do PIB, um dos valores mais baixos da OCDE. Não é uma fatalidade, é uma escolha política. -----

Mesmo em situação de crise, muitos países europeus estão a manter os seus investimentos em educação e ciência, pois sabem que esta é a única saída de futuro. Pelo contrário, no caso português os cortes mais violentos são justamente no sector da Educação. Não é uma decisão ditada apenas por dificuldades financeiras, é uma opção ideológica que relega o conhecimento e a cultura para um plano secundário. Não nos revemos nas vozes que defendem a escola do Estado novo, que era tão velha e segregadora, e muito menos nos revemos em Ministros que impedem a liberdade de acesso às novas tecnologias e censuram o acesso à internet. -----

Os cortes na Educação foram dramáticos entre 2011 a 2014 (corte 1.327, 7 milhões de euros, ciência e ensino superior perderam 223,8 milhões). Abandonaram-se os grandes planos nacionais: da Matemática, da Leitura, a Formação cívica e o estudo acompanhado. -----

Por seu turno, o Ensino Privado teve mais 2 milhões de euros que no ano anterior, num total de 149,3 M e 19,4 para os futuros cheques-ensino. Segundo a Comissão Europeia em estudo recente, 38% dos jovens portugueses queriam prosseguir os seus estudos mas não os conseguem pagar. -----

E nessas visões, atitudes e opções retrógradas sobre a Escola, a Educação, a Cultura e o Conhecimento, **Abril está longe... muito longe...** -----

A pobreza, o desemprego e a emigração são os dramas do presente. **O drama maior do futuro é o desinvestimento na educação e na ciência.** -----

É preciso um compromisso de todos com o conhecimento, a cultura, a criação científica e artística, com a escola pública, a igualdade de oportunidades e a democratização do ensino. Nada se fará sem uma educação aberta, inclusiva, atenta à diversidade, que promova a autonomia e a iniciativa, capaz de desenvolver em cada um o gosto pela cultura e pela aprendizagem, uma educação que prepare os



Assembleia Municipal de Odivelas

portugueses para as sociedades complexas e em rede do século XXI. -----

Aqui em Odivelas, defenderemos sempre esse grande sucesso da Democracia que é a escola Pública, grande pilar da cidadania e do desenvolvimento humano, económico e social. Por isso continuamos a apoiar pais, crianças e professores na construção de uma escola de cidadãos, onde se combate o insucesso escolar com os nossos mediadores, onde se assegura 3 refeições diárias, transportes especiais, onde se continua a inovar e a conservar o parque escolar e a pugnar por uma escola a tempo inteiro. -----
Nessa escola aberta e inclusiva em que acreditamos onde se respeita a igualdade de oportunidades, é possível ser livre, livre. -----

Abril aqui tão perto... -----

Uma outra conquista de Abril foi sem dúvida o SNS, o qual foi determinante para o aumento de esperança média de vida e para os índices de excelência na saúde materna e neonatal. Contudo nos últimos três anos na **Saúde** cortou-se mais 75% do que o previsto no Memorando de Maio de 2011. A falta de medicamentos e dispositivos e o aumento dramático de listas de espera (até para oncologia!) não são casos pontuais mas a consequência inevitável de uma política que não reformou mas cortou nas prestações. O SNS, uma das conquistas de Abril, está em risco. **Abril, ali tão longe!** -----

Em Odivelas defendemos uma Saúde acessível para todos e fruto da nossa luta e determinação conseguimos novas e modernas estruturas de saúde na Ramada e na Póvoa mas queremos mais, em Odivelas e aqui na Pontinha. Não desistiremos de tornar a saúde um direito acessível a todos e por isso levamos a Educação e a Prevenção para a saúde a todos os Centros de Dia, a todos os parceiros e queremos melhorar a mobilidade dos utentes, o que faremos em breve no âmbito da Agenda Odivelas: Concelho mais inclusivo! -----

São também os municípios que promovem o **envelhecimento ativo dos seniores, que fomentam a realização de rastreios e a prestação de cuidados primários de saúde e que garantem que as pessoas mais desfavorecidas têm mais acesso aos bens essenciais**, ao apoio domiciliário e que sabem que cada autarquia e os 308 Municípios são hoje um grande Ministério da Solidariedade. Fomos sempre o poder local que importa... porque **"se fazes és, se não fazes serias"**! -----

Abril, aqui tão perto! -----

Portugal é um dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) em que os apoios do Estado são menos generosos para as famílias mais pobres. A conclusão surge num relatório divulgado por esta organização a 18 de março de 2014. -----

Neste relatório Portugal é aconselhado a analisar com especial cuidado a forma como gasta o dinheiro nos apoios sociais. A primeira prioridade deve ser para com as famílias mais desprotegidas, sendo que seis em cada 10 desempregados não recebem qualquer tipo de apoios. -----

A taxa de desemprego em Portugal atingiu pela primeira vez os 40% entre os jovens e 30% das pessoas carenciadas perderam apoios. Um em cada seis jovens, entre os 15 e os 24 anos, não estudam e não



Assembleia Municipal de Odivelas

fazem qualquer formação em Portugal. O país apresenta assim a oitava taxa NEET mais elevada entre os países da OCDE (Not in Education, Employment, or Training). -----

Em Portugal, no ano de 2013, o Rendimento Social de Inserção (RSI) chegava a menos 30% das pessoas do que em 2010, enquanto que outros países reforçavam os apoios de assistência aos mais pobres. As políticas implementadas em Portugal com vista à consolidação orçamental limitaram ainda mais os acessos a esses apoios. -----

O Secretário-Geral da Caritas Europa referiu o grave impacto da crise europeia e das políticas de autoridade, as quais tem vindo a aumentar o desemprego, a pobreza e a exclusão social. -----

Tal como referido na recente edição Society at a Glance 2014, relatório que analisa os indicadores sociais da OCDE: Portugal é hoje um país pobre sem jovens e sem futuro; é um dos Estados-Membros menos generoso em termos de gastos com as famílias mais pobres; em Portugal os rendimentos mais baixos caíram e a desigualdade aumentou; Portugal parece estar sem sombra de dúvidas exposto às marcas da crise "scarring effects" (relatório da OCDE). -----

No documento publicado pela Rede Europeia Anti Pobreza, em dezembro de 2013, os indicadores sobre a pobreza revelam que as crianças em Portugal são de facto as mais atingidas pela mesma. Na verdade, um país que não consegue suprir as necessidades mais básicas das crianças é um país que não pode prever o seu futuro e perspetivar a construção de uma economia sólida. -----

Por seu turno, os Funcionários Públicos sofreram corte adicional dos salários e um aumento da contribuição para a ADSE, e os reformados sofreram um aumento da contribuição extraordinária de solidariedade, um corte nas pensões de sobrevivência e um corte no Complemento Solidário dos Idosos. -----

Abril ali tão longe... -----

Em Odivelas acreditamos na solidariedade por isso criaremos nos próximos dias o Fundo de Emergência Municipal para situações SOS e acreditamos na integração, acreditamos na economia social que gera emprego e emprego protegido. Por isso apoiámos as instituições beneficiárias do Programa PARES e hoje temos mais respostas sociais para a 3 idade, para a infância e deficiência. No dia 22 de abril inaugurámos o "Telhadinho" da CEDEMA em Famões, que acrescentou solidariedade ao nosso território tal como o fez o C.C. de Famões, a APCL em Odivelas e em breve o Pólo Cívico do Vale do Forno e as "Florzinhas da Rua" no 2º semestre de 2014. -----

Promovemos a auto estima e não a caridade, a pobreza não pode ser uma forma de censura ou uma fatalidade. Nós acreditamos nas pessoas e na sua capacitação e empreendedorismo por isso nas nossas políticas há espaço para a participação desportiva, para o autoemprego, para a criação de novas ideias com a futura START_IN Odivelas, onde os jovens estarão no nosso horizonte bem como a internacionalização dessa dinâmica. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

Não podemos tolerar que 330 portugueses abandonem diariamente o País (aumento de 20% da emigração) e muitos deles jovens e qualificados, gerando uma verdadeira fuga de cérebros, que vai custar muito caro a Portugal. -----

O Direito a ter direitos, tal como defende Hannah Arendt, nunca foi tão atual. **Abril... queremos que estejas pertol** -----

O país só pode sair da crise pelo crescimento económico. Isso exige estancar a política de austeridade e ter um outro olhar para a procura interna (ex: dinamizar reabilitação urbana, promover eficiência energética, etc.). -----

É essencial ter um Acordo Estratégico de Concertação Social que permita aumentar o salário mínimo nacional e as pensões mínimas. -----

A resolução da crise também passa pela frente europeia. Portugal precisa de ter uma voz firme na Europa e uma voz que exija aprofundamento do processo europeu, nomeadamente numa postura de busca conjunta de competitividade. -----

Quanto aos Fundos Comunitários são cerca de 28 mil milhões de euros que vão muito para além da atual legislatura e onde houve deficit de informação e a ausência de um grande debate público e participação que este processo claramente exigia. São a principal alavanca de que o País vai dispor nos próximos anos para acelerar o crescimento e o emprego e a ANMP tem exigido participar nesse processo, que insiste em remeter os municípios para um papel meramente consultivo e subalterno. -----

Caros Deputados Municipais, -----

Precisamos de **um novo desenvolvimento**, aproveitando plenamente as capacidades do País. -----

Precisamos de **um novo compromisso com o contrato social** que combata as desigualdades, que reforce o investimento na educação, na ciência e na cultura, que adote políticas fiscais desenhadas de forma inovadora, com um contrato claro e transparente entre o Estado e os cidadãos e as empresas. -----

Precisamos de **construir uma nova Europa**. As economias europeias divergem e os desequilíbrios acentuam-se. Não é aceitável que as limitações existentes na arquitetura do euro, os percalços e as dificuldades que se registam sirvam agora para criar uma situação de facto de desigualdades entre Estados, em que os países mais beneficiados pela criação do euro ditam as regras. -----

Porque o legado de Abril vive no Poder Local Democrático, e vive aqui de forma impressionante em Odivelas e na Pontinha em particular através do Posto de Comando, não o podemos ignorar nem toleraremos a sua ausência, não nos resignaremos perante as dificuldades, manter-nos-emos firmes nos nossos propósitos e fiéis aos compromissos assumidos com os cidadãos e com o país. -----

Os Municípios conseguiram o acrescentar ao valor do poder um valor mais importante: o valor do serviço público. Mais do que gerir soubemos gerar. Gerar sinergias, gerar economias de escala, gerar vontades, atitudes e práticas que vão desde uma gestão financeira cada vez mais rigorosa, a um trabalho social, cultural e de cidadania. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

O Poder Local Democrático está hoje perante mais um novo e enorme desafio, para o qual as populações e o país contam connosco para minimizar as adversidades, preparar o futuro e concretizar os sonhos coletivos porque **“o mundo é do tamanho que os homens queiram que o mundo tenha: o tamanho que os ventos dão aos homens quando sopram à noite no País de Abril.”** -----

Precisamos de ter **Abril no sítio do poema e nos terraços da presença, precisamos de ter abril exatamente aqui...**. -----

Usou da palavra o Membro da Assembleia Municipal **José Pignatelli**, pela bancada do **CDS**: -----

“Cumprimento todos os presentes: (A si), Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Odivelas, os restantes Membros da Mesa, as Senhoras e Senhores Deputados, a Senhora Presidente da Câmara Municipal, as Senhoras e Senhores Vereadores do Executivo camarário, os Convidados, os Múncipes e os Órgãos da Comunicação Social que nos dão a honra da sua presença. -----

Comemoramos 40 anos de um golpe de estado, realizado por militares, que tiveram também a idoneidade em refletir sobre a necessidade de modificar o modelo social, económico e cultural português, bem como a posição no relacionamento com o exterior. -----

Então, precipitou-se o final anunciado de um regime autocrata, sem visão reformadora e qualquer estratégia de desenvolvimento da economia, muito suportado em negócios exclusivos, pouco industrializado e com uma agricultura demasiado costumada e cada vez mais isolado no panorama internacional. -----

Estão de parabéns todos os militares que se envolveram neste propósito. Mas não posso deixar de saudar, em particular, os 80 delegados de unidades militares que se reuniram na Vila de Óbidos, no primeiro dia de Dezembro de 1973, onde foi escolhida a Comissão Coordenadora Executiva do Movimento das Forças Armadas. Afinal, os que iniciaram, verdadeiramente, a revolução militar da madrugada de 25 de Abril de 1974, que entrou inegavelmente na nossa história contemporânea. -----

-Então, acabava a minha adolescência. -----

Pensei que os militares entregavam o poder à sociedade civil e que iríamos ser governados por mulheres e homens de clarividência e sucesso como definiu o filósofo Ralph Waldo Emerson, no século XIX. -----

«Mulheres e homens com a habilitação em: -----

Rir muito e com frequência; -----

Ganhar o respeito das pessoas inteligentes e o afeto das crianças; -----

Merecer a consideração de críticos honestos e suportar a traição de falsos amigos; -----

Apreciar a beleza, encontrar o melhor nos outros; -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

Deixar o Mundo um pouco melhor, seja por uma saudável criança, um canteiro de jardim ou uma redimida condição social; -----

Saber que ao menos uma vida respirou mais fácil porque cada um de nós viveu. -----

ISTO É TER SUCESSO!», fim-da-citação. -----

Mas isso não sucedeu na sua perfeição: Aos mais sinceros, acabaram por se juntar uma nova classe política pós-revolucionária, improficiente e ávida de poder. -----

Temos a liberdade de expressão, circulamos livremente dentro do País e no espaço da União Europeia e as nossas competências académicas e profissionais são reconhecidas em iguais circunstâncias; -----

Alfabetizou-se e criou-se a obrigatoriedade da frequência escolar até a um patamar mais desejável.

Associou-se ao estudo, novas tecnologias de comunicação e de investigação; -----

Empreendeu-se a cultura para todos, mais inteligível e descentralizada, apesar de um investimento sempre diminuído; -----

Estenderam-se as redes de abastecimento de água e de eletricidade, as redes de drenagem das águas residuais e de telecomunicações a 95% do País; -----

Nasceu o Serviço Nacional de Saúde, de capital importância na prestação de cuidados de saúde e imprescindível no bem-estar de milhões portugueses; -----

Modernizaram-se hospitais, sobretudo nos mecanismos de diagnóstico e terapêuticos com os melhores equipamentos que se conhecem; construíram-se outros nem sempre com a qualidade desejável e fixou-se uma rede de cuidados de saúde de proximidade, ainda que suportada em critérios muito discutíveis; -----

Estabeleceu-se um conceito global de segurança social e um conjunto de organismos e instituições de proteção aos cidadãos em risco, sobretudo direcionado às crianças e idosos. Mas ainda persiste uma segurança social menos acutilante no domínio das doenças raras e no recenseamento das condições de vida de milhares de famílias; -----

Construiu-se uma rede rodoviária com acessibilidades alargadas e abrangentes, de qualidade aceitável, que aproximou o interior do território nacional, a sua ruralidade e a algumas indústrias transformadoras de nicho (fulcrais no desenvolvimento regional), às maiores centralidades que se mantêm obstinadamente no litoral do País; -----

Não se corroborou a importância da ferrovia como o meio de transporte mais eficiente, por ser seguro, rápido, económico e pela sua capacidade de transporte, tal como fizeram a maioria dos países europeus, tanto a Ocidente como a Leste, no pós- II Guerra Mundial, a partir da década de 50' do século passado. Um erro dificilmente reparável; -----

Também se optou apenas pelo investimento num único porto de mar - Sines - a que se lhe juntou um projeto de desenvolvimento ainda em curso. Portanto, resiste-se à tentação de reorganizar e explorar a nossa economia do Mar que emerge de uma das maiores zonas exclusivas marítimas globais; -----



Assembleia Municipal de Odivelas

Indiscutivelmente a nossa adesão à Comunidade Económica Europeia, prosperou a classe média e os mais ricos, por via de uma nova noção de bem-estar associada claramente ao consumismo. Por maioria das vezes, este modelo concretizou-se por recurso ao endividamento. -----

Mas apesar de todos os avanços, a democracia acaba por não conferir rigor e lucidez. Vai-se ferindo a vários níveis, porque ainda não foi capaz de se impor como Estado de Direito, fixando omissões no acesso à Justiça e a um vasto conjunto de serviços dependentes de procedimentos burocráticos. -----

Hoje, continuamos a ser um País pobre e doente: -----

4,489 Milhões de portugueses vivem no limiar da pobreza porque auferem menos de 420 euros, em cada um dos 12 meses do ano. E só não são claramente pobres devido às transferências sociais e pensões; -----

Mesmo assim, ainda cresce o número alarmante de portugueses realmente pobres: 1,8 milhões. -----

Ou seja, a condição de vida honrada e merecida ainda não é privilégio de metade dos portugueses. -----

Se é certo que a esperança média de vida cresceu, não é menos verdade que, segundo os Censos de 2011, quase 50% dos nossos idosos (mais de 995 mil) tinham muita dificuldade ou não conseguiam realizar, pelo menos uma, das 6 atividades do dia-a-dia... E destes, mais de meio milhão (565.615), vivia na condição de monoparentalidade, a maioria deles sem apoio domiciliário adequado. -----

Da análise do documento do INE - Instituto Nacional de Estatística ressalta outro registo alarmante: 16% da população entre os 15 e os 64 anos, sofriam de problemas de saúde prolongados e, em simultâneo, tinham dificuldades na realização de atividades básicas. -----

Os mais sensatos vivem uma sensação deprimente porque se veem perante um paradigma preocupante: São escassos os que pensam Portugal no futuro e os que procuram perceber o que será a Europa nos anos que se seguem. -----

Portugal precisa de ser pensado. Hoje, enfrentamos: -----

A questão fatal da dívida, os vergonhosos números do desemprego; -----

A fatalidade de uma geração que não faz filhos, porque não pode ou não deve, e que emigra; -----

A desertificação do interior do País. -----

É preciso ter a gentileza e a coragem para contribuir decididamente para uma vida digna dos mais desprotegidos – dos que sempre passaram todo o género de privações e dos novos pobres que foram contagiados pelas diversas indigências da era contemporânea. Juntos, ultrapassam os 60% dos portugueses. -----

Essa é uma das obrigações do democratismo de todos os Órgãos que o representam. -----

Seguramente, foi o legado que os militares quiseram deixar à sociedade civil após o 25 de Abril de 1974.

Vivemos num período de enormes inquietudes: Imediatas e de médio-prazo, centradas no futuro do País, mas também no Mundo global que nos rodeia, cada vez mais tumultuoso onde se anuncia o final de uma trégua mais generalizada, de quase 70 anos, do pós-II Grande Guerra. -----

Hoje, é dia 24 de Abril de 2014. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

Comemoramos 40 anos de liberdade. -----

Impõe-se à sociedade, em geral, e aos Órgãos de poder investidos, em particular, refletir sobre que espécie de cidadãos queremos ser, que País faremos crescer e deixar às gerações vindouras. -----

Afirma-se urgente: -----

Sermos crentes nas nossas convicções; -----

Partilharmos os nossos conhecimentos; -----

Sabermos ser Nação soberana e negociar sem constrangimentos porque o Mundo não tem dono;

Oxalá saibamos procurar o sucesso de que nos falou o Estado-Udinense Ralph Waldo Emerson, há mais de 150 anos. -----

Viva a embaixada do 25 de Abril!" -----

*Usou da palavra o Membro da Assembleia Municipal **Paulo Sousa**, pela bancada do **BE**: -----*

"Quero antes de mais saudar e cumprimentar todos os presentes, começando por quem tão bem nos recebe. -----

A todo o Regimento de Engenharia 1, na figura do seu Comandante o Coronel João Pires. -----

À população em geral, com um especial carinho pelos fregueses da Pontinha e Famões. Por razões óbvias.

Ao Senhor Presidente da Assembleia Municipal, a Senhora Presidente da Câmara Municipal de Odivelas e restantes representantes do executivo, aos estimados eleitos de todas as bancadas, Imprensa local e nacional. -----

É com grande prazer que o Bloco de Esquerda se faz representar nesta sessão solene da celebração dos 40 anos da Revolução de Abril. -----

E visto que estamos neste espaço emblemático, não posso deixar de dizer umas palavras sobre o processo de classificação a monumento nacional do posto de comando do MFA. -----

Escrevia em 2009, o autor e historiador Professor Jorge Martins, que: Um povo sem memória é um povo sem identidade. Uma comunidade que não cuida do seu património histórico é uma comunidade que não o merece. -----

5 anos depois continua tudo na mesma, mas pior ainda, é que até aqui este governo demonstra o seu total desinteresse e desrespeito pelos símbolos de Abril -----

Em 2011 o IGESPAR deu como resposta a uma pergunta feita pela bancada parlamentar do Bloco de Esquerda na Assembleia da República, quanto à conclusão do processo, algo tão vago como "Não são líquidos os prazos definidos" e "Nunca inferior a 2 anos" ou seja, não tendo prazo máximo significa que poderemos estar aqui daqui a 20 ou 30 anos sem que o processo esteja ainda concluído. Provavelmente já sem Regimento de Engenharia. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

É vergonhoso que, em 2014, 40 anos depois o ponto de onde a Revolução foi comandada, que tirou este país da escuridão, continue a ser tratado com total indiferença. -----

Talvez a centelha de luz que Abril acendeu encandeie muitos dos que hoje governam este país e que preferem sem duvidas um povo de olhos fechados. -----

Aos militares digo, que apareçam mais Capitães que este país precisa. E ao contrário de Assunção Esteves, Presidente da Assembleia da Republica, que os desrespeitou sem pudor nenhum, daqui envio aos militares de Abril um eterno obrigado, sem vós eu não estaria aqui e o aqui seria demasiado triste e escuro para os meus filhos e para o povo deste país. -----

Eu nasci em 76. Os meus pais dizem que sou filho de abril, que cheguei na altura em que a esperança comandava, em que tudo era possível, em que governava a certeza que o amanhã era melhor que o presente, e em que o futuro estava totalmente em aberto. -----

Abril foi o concretizar da esperança, foi a liberdade, foi o levantar de um povo que exigiu dignidade. -----

A dignidade da solidariedade entre gerações, da conquista de um Serviço Nacional de Saúde gratuito e universal, do acesso à Educação numa escola pública e gratuita para todos. -----

Abril foi Ensino Superior, bolsas de investigação, residências de estudantes, escolas inclusivas com apoio às diferentes necessidades de cada um. -----

Abril foi o direito ao trabalho e a um trabalho com direitos independentemente da profissão: trabalhadores da terra, operários, administrativos, auxiliares, professores, médicos ou diretores de empresas. -----

Abril foi um compromisso entre gerações e a promessa que todos teríamos direito às mesmas oportunidades quer vivêssemos no campo ou na cidade, quer fossemos ricos ou pobres. -----

Abril foi de todos para todos, e vive dentro de todos nós sob a forma de esperança na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. -----

O governo de Passos Coelho e Paulo Portas que repetidamente ignora a Constituição da Republica, tenta roubar-nos a esperança com cada PPP assinada, com cada corte de pensões, com cada subida de impostos, com cada despedimento e fecho de empresa. -----

Tenta apagar Abril com a subida da pobreza tantas vezes envergonhada de quem não consegue alimentar aqueles que ama. -----

Tenta apagar Abril ao beneficiar os verdadeiros donos deste país e culpados desta crise: a banca e as grandes empresas, BPN's e BPP's, SONAE's e EDP's, com isenções fiscais e perdendo-lhes dívidas superiores ao que todos nós iríamos ganhar em muitas vidas de trabalho. -----

Ao aumentarem impostos sucessivos com taxas e sobretaxas, sobre os ordenados de quem (ainda) tem trabalho. -----

Ao oferecerem hospitais a grupos privados cortando no investimento da saúde pública, ao quererem privatizar bens essenciais, como já fizeram com a eletricidade e os correios e planeiam fazer com a água.



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

Ao cortar Transportes Públicos, passes sociais, abonos de família, bolsas de estudo, trocados por Swaps e Submarinos. -----

Tentam roubar-nos a esperança com cada um que obrigam a emigrar. -----

Números que hoje já superam a grande vaga de emigração dos anos 60, quando a escuridão da ditadura e a guerra colonial governavam este país. -----

Só no ano passado foram mais de 200 mil que partiram porque pela frente só tinham desemprego ou precariedade. -----

E, sobretudo, tentam apagar Abril ao dizer que tudo isto é inevitável. -----

Mas esquecem-se que Abril, tal como a esperança, não tem donos e que este é um povo que se recusa a viver de joelhos. -----

Não apagarão a chama da liberdade enquanto nos lembrarmos de como é viver na escuridão. -----

Salgueiro Maia, dizia na madrugada de 25 de Abril de 1974, na parada da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém: Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegamos! -----

E é para isso que estaremos cá sempre, para além de comemorar e festejar, nós estamos cá para relembrar Abril. -----

Os meus filhos netos de Abril, de 8 e 13 anos, diziam à Mãe que quando crescerem vão "para fora" porque cá não há trabalho. -----

Eu espero que assim não seja. -----

Tenho esperança que este povo se levante, e que enfrente o futuro de pé, mostrando que não há inevitabilidades. -----

Portugal é feito por todos nós, e as pessoas não são números. -----

Têm vidas e merecem dignidade. -----

O futuro é nosso, e Abril vive hoje e sempre. -----

Muito Obrigado." -----

*Usou da palavra o Membro da Assembleia Municipal **Luís Salmonete**, pela bancada do PSD: -----*

"Foi ontem, mas já passaram 40 anos. -----

É uma data sempre presente para quem viveu este momento. É apenas um facto histórico para aqueles que nasceram após Abril de 1974. -----

É por isso que para alguns, especialmente os mais jovens, não é fácil sentir e entender o que foi o 25 de Abril. Provavelmente pensam que é uma perda de tempo a comemoração desta data. -----

Em boa verdade ninguém sente falta daquilo que sempre teve. A liberdade. A facilidade de comunicação.



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signatures]

No mundo globalizado e de inovação em que vivemos, temos toda a informação que queremos. Comunicamos em rede de forma rápida através das redes sociais e de outros meios. -----

Mas no meio deste desenvolvimento e da rapidez da comunicação, que é de saudar, podemos não ter tempo para parar e para pensar e perder algo de muito importante. -----

Podemos não ter tempo para as emoções e para os afetos. -----

É por isso que é importante a comemoração desta data e nos moldes como a Assembleia Municipal de Odivelas a faz e hoje, mais uma vez num local simbólico, que foi o Posto de Comando das Forças Armadas. A história e a memória devem ser preservadas. -----

É obrigação para quem viveu essa data lembrar o que era Portugal antes do 25 de Abril. -----

Lembrar o que era Portugal nos anos 50, 60 e início dos anos 70. Um país pobre, isolado politicamente, em guerra desde o início dos anos 60. -----

O que é que nos lembramos com mais frequência dos tempos que antecederam o 25 de Abril? -----

A falta de liberdade, o receio e o medo. E havia razões para isso acontecer. -----

Não havia liberdade de reunião, a não ser na clandestinidade. -----

Havia perseguição e prisão para aqueles que eram apanhados a falar contra o regime instituído. Morte para alguns. -----

A Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), mais tarde a DGS, tinha amplo poder para reprimir. Pergunta-se - Havia muitos agentes? -----

Não sei, provavelmente não, mas havia uma cultura de medo, o receio de haver um agente ou informador em cada esquina. . -----

Tão pouco se sabia o que se podia dizer ou não, porque a esmagadora maioria da população não estava informada, não tinha consciência política. -----

Mas sabia que havia uma rede de informadores. Podia ser uma pessoa com quem falava-mos habitualmente, um vizinho, alguém que trabalhava no mesmo local. Era isso mesmo que era incutido na mente das pessoas. O medo. -----

Após a morte de Salazar e no início dos anos 70 a situação melhorou um pouco, passou a haver um pouco mais de informação, especialmente nos grandes centros urbanos. -----

Passavam algumas notícias. Havia pessoas na Assembleia Nacional que confrontavam o regime. Foi a chamada "primavera marcelista", que de primavera teve pouco. -----

Depois chegou o 25 de Abril. A Liberdade. A queda de uma ditadura que durou muito tempo oprimiu e isolou Portugal da Europa e do Mundo. -----

É por isso que é importante celebrar uma data que foi um marco na vida de Portugal e dos portugueses. Olhamos um pouco para trás e reconhecemos que nem tudo correu como esperávamos, para muitos não há emprego, e mesmo para aqueles que mantêm o seu posto de trabalho a vida não é fácil. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]
[Handwritten initials]

Para os trabalhadores os reformados e os pensionistas a vida é difícil. Portugal e os portugueses vivem momentos difíceis. -----

Mesmo assim ninguém se atreve a dizer que vivemos pior. -----

Temos nas nossas mãos um problema muito sério. -----

Não é a dívida nem o défice, que são problemas mas que se vão resolver mais tarde ou mais cedo. -----

É a credibilidade dos agentes políticos, melhor dizendo a perceção que uma significativa parte da população tem em relação aos políticos. -----

É interessante recordar o que Sá Carneiro escreveu no início de 1978: -----

“ Nesta crise que se vai instalando tem sido gabada a serenidade e maturidade dos Portugueses, a calma e o civismo com que aguardam o seu desfecho. -----

Ora a verdade é que a serenidade, o civismo e a calma são meras aparências. -----

O que na realidade há, perante a crise e tudo quanto a ela tem dado lugar, é uma enorme e profunda indiferença. . -----

Indiferença que radica em crescente descrença e se liga ao conformismo tradicional dos Portugueses. -----

Quanto mais os políticos e os responsáveis falam, menos as pessoas neles acreditam. -----

E têm razão. Há anos que ouvimos as mesmas pessoas dizerem de modo mais ou menos solene e pomposo as mesmas coisas, sem que nada se modifique. -----

Há quem, a intervalos, enumere as questões e faça afirmações perentórias de mudança. -----

As coisas vão piorando, mas os discursos vão-se sucedendo, enquanto leis essenciais não são postas em vigor e outras não se aplicam; nada de fundamental se modifica. -----

Há quem, demagogicamente, faça promessas, dê garantias, averbe a si próprio, vitórias. -----

Os factos vão, nesse caso, desmentindo os discursos, mas já quase ninguém reage. (fim de citação). -----

O que Sá Carneiro escreveu em 1978, já lá vão 36 anos, tem qualquer coisa de atual. -----

O cidadão comum acredita pouco nos políticos, mas em vez de lutar, em vez de agir e participar, reage negativamente abstendo-se. -----

Veja-se o nível de abstenção nas últimas eleições autárquicas. -----

A responsabilidade de mudar esta perceção é de todos nós. -----

Há por vezes alguns comportamentos e decisões incompreensíveis, mas não são só as pessoas e os agentes políticos que são culpados desta situação de descrença e indiferença. -----

Hoje, não estamos aprisionados a um regime antidemocrático, mas estamos presos a teias mais complexas. Agências de “rating” que classificam países. Países que exploram países. -----

É certo que vivemos e fazemos parte de uma Europa onde há democracia. Mas é uma Europa pouco solidária. O projeto europeu de manter uma certa união apesar das diferenças existentes, pode estar em risco se nada for feito. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

Mas apesar dos momentos difíceis que atravessamos, temos de acreditar que a situação será melhor no futuro. . -----

Para terminar, o Partido Social Democrata quer deixar uma saudação muito especial para aqueles que contribuíram para o derrube do anterior regime, especialmente para os capitães de Abril. -----

Mas também para os autarcas e para todos aqueles que vão construindo a democracia todos os dias, com as suas ações e o seu trabalho. Para todas as classes de população. -----

Temos de lutar contra a indiferença, a descrença e o conformismo e temos de acreditar que há pessoas que lutam e acreditam na mudança, no sentido de melhores condições de vida para todos. -----

Viva o 25 de Abril, Viva Odivelas Viva Portugal." -----

Usou da palavra o Membro da Assembleia Municipal **Armindo Fernandes**, pela bancada da **CDU**: -----

"Senhores Vereadores. -----

Senhores Convidados -----

Minhas Senhores e Meus Senhores -----

A Revolução de Abril juntou-nos aqui hoje, na Pontinha, para as comemorações do seu 40º aniversário, tal como junta, neste período, milhares e milhares de portugueses por todo o país, porque o seu significado profundo, os seus valores e os seus ideais permanecem vivos no coração do povo português. -----

Comemorarmos a Revolução do 25 de Abril, como um dos mais altos momentos da nossa vida coletiva, celebramos e não esquecemos a luta heroica da resistência ao fascismo. -----

A dedicação, o sacrifício e a coragem de gerações de mulheres e homens, nomeadamente, muitos comunistas, que durante 48 anos travaram um firme e decidido combate para que fosse possível por fim a este negro período da nossa história. -----

Combate duro que muitos pagaram com a sua própria vida. -----

A esses democratas e antifascistas rendemos a nossa sentida homenagem. -----

Ao Comemorarmos a Revolução do 25 de Abril, não esquecemos aquele corajoso e importante contributo do movimento dos capitães que, nessa inolvidável madrugada, abriu as portas à liberdade e à democracia, aos quais renovamos o nosso apreço e reconhecimento. -----

Ao comemorarmos a Revolução do 25 de Abril, também não esquecemos o levantamento popular que ajudou naquela manhã libertadora a transformar a revolução militar numa verdadeira revolução democrática. Não esquecemos as grandes conquistas com reflexos em todos os domínios da vida económica, social e cultural do nosso país. -----

A Revolução que tomou um vasto conjunto de medidas a favor dos trabalhadores e do povo. O direito à livre organização sindical, o direito de manifestação e o direito à greve. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]
81

Procedeu ao aumento generalizado dos salários e à institucionalização do salário mínimo, à criação do subsídio de desemprego, à criação do Serviço Nacional de Saúde, à criação do Poder Local Democrático e ao fim da guerra colonial. -----

Abriu as portas à democracia participativa, e tantas outras coisas, como por exemplo, a igualdade entre homens e mulheres. -----

Estas e outras conquistas, consagradas na Constituição da República, que sucessivas revisões foram eliminando e subvertendo, repondo os velhos privilégios, contra os quais também foi feita a Revolução de Abril. -----

Governos que negando os caminhos de Abril, realizaram políticas que se traduziram num retrocesso das condições de vida do povo português, agravando as suas dificuldades, injustiças e desigualdades sociais.

É perante esta realidade que vimos exigindo uma nova política que combata e não pactue com as situações de pobreza e exclusão social que se têm acentuado nos últimos tempos e que jamais deviam permanecer num país de Abril. -----

É perante esta triste realidade que alguns políticos vêm insistindo nos apelos ao contributo de todos para resolver o problema da crise e do défice público. -----

Precisamos de uma nova política que assumindo os valores e os ideais de Abril, reponha o poder de compra perdido e favoreça uma justa repartição do rendimento nacional. -----

Uma nova política que promova o desenvolvimento económico e combata o desemprego, um flagelo que atinge a população ativa, nomeadamente, os mais jovens, que não encontram saída para o seu futuro. -----

Uma nova política que, ao invés dos constantes cortes nos salários e nas pensões, proporcione o bem-estar social entre os portugueses, reduzindo os graves níveis de pobreza em que se encontra o nosso povo. -----

Comemorar os 40 anos de Abril é ainda exigir que se renuncie à política de chantagem e de pressão sobre as funções sociais do Estado, deixando degradar a saúde, a educação e a segurança social, em nome do combate ao défice das finanças públicas. -----

Também o Poder Local Democrático é uma conquista revolucionária do povo, desde a primeira hora se assumiu como um instrumento das populações para a melhoria das suas condições de vida e um espaço de participação popular, não pode ser agora anulado por decreto, sem que as populações sejam ouvidas e livremente possam decidir o seu futuro. -----

Comemorar hoje o 25 de Abril, é defender a democracia, defender o nosso futuro e o futuro dos nossos filhos. -----

É também reconhecer aos militares de Abril, o direito de se pronunciarem em atos públicos de relevo nacional, não devendo ser impedidos por qualquer opinião irrevogável de o fazer com legitimidade. -----

Lutando hoje, com confiança, derrotaremos estas políticas negativas das troikas e daremos voz aos valores de Abril, para um Portugal com futuro. -----

Viva o 25 de Abril! -----



Assembleia Municipal de Odivelas

Handwritten initials and signature.

Handwritten signature.

Usou da palavra o Membro da Assembleia Municipal **Eduarda Barros**, pela bancada do PS:-----

“Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Odivelas -----

Exma. Senhora Presidente da Câmara Municipal de Odivelas -----

Exmas. Senhoras Deputadas e Senhores Deputados Municipais -----

Exmas. Senhoras Vereadoras e Senhores Vereadores Municipais -----

Exmas. Senhoras e Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia do Concelho de Odivelas -----

Exmo. Senhor Presidente da Empresa Municipal Municipalidade -----

Ilustres Convidados e Forças Vivas do Concelho de Odivelas -----

Senhores Dirigentes, Altos Funcionários e Funcionários da Câmara Municipal de Odivelas -----

Comunicação Social -----

Caras Amigas e Caros Amigos -----

Minhas Senhoras e Meus Senhores -----

Em jeito de prolegómeno começo por pedir a palavra para exprimir, em nome da bancada que represento, a bancada do PS, a minha satisfação por exercer o direito básico da democracia, a palavra neste lugar, no regimento de Engenharia 1, agora ameaçado por um governo, praticante de uma teologia dos Mercados, cujo manual está escrito em economês. A Câmara Municipal de Odivelas, a Assembleia Municipal de Odivelas, as Juntas e Assembleias de Freguesia de Odivelas, várias instituições culturais e recreativas a que agora também se juntou o Conselho Municipal da Juventude, têm vindo a manifestar ao governo a sua indignação pela possibilidade de esta casa tão importante para este Conselho ser extinta ou transferida. Não desistiremos desta luta. -----

Senhor Presidente, -----

Comecemos pelo óbvio, o 25 de Abril foi o acontecimento mais importante, para Portugal, ocorrido no séc. XX. -----

Tudo começou muito antes, mas situemo-nos naquela leda e fresca madrugada que gerou aquele dia limpo e inteiro, como nos disse Sofia. -----

Era para ser um golpe de Estado levado a cabo por um conjunto de militares pertencentes a uma ala dissidente das Forças Armadas, fiéis a um regime totalitário e autoritário, encerrado e encarcerado em si próprio, que há 48 anos oprimia Portugal. A ideia inicial era legalizar os partidos políticos, repor as liberdades direitas e garantias do cidadão, acabar com a guerra colonial e tornar independentes as então colónias, hoje Países de expressão lusófona; foi muito mais como todos sabemos. -----

Mas não foi um golpe de Estado e não o foi porque o povo em massa saiu à rua e sem ninguém estar à espera, nem sequer os próprios militares, tomou conta das ruas, instalou cravos nas armas dos soldados, -----



Assembleia Municipal de Odivelas

cantou, gritou por liberdade, espalharam-se abraços, beijos e sorrisos e ao fim do dia estava confirmada a festa, como lhe chamou, na canção, Chico Buarque da Holanda. -----

A esperança alastrava em torrente; a poesia estava na rua, ainda segundo Sofia. -----

O dia só terminaria ao outro dia, na porta das prisões a devolver a liberdade aos presos políticos e a encerrar e as instalações da Pide, a polícia política do Estado Novo que durante anos e anos oprimira, reprimira e suprimira qualquer ânsia de liberdade. -----

Recorde-se que em 1926, Portugal, à semelhança de tantos países da Europa, de leste a oeste, instalou um regime que sob o pretexto de pôr em ordem as contas públicas, implementou uma Constituição, em 1933, que instituiu um Estado totalitário, autoritário, pobre e solitário. -----

Recorde-se ainda que nos anos 60/70 quando Portugal discursava na Assembleia das Nações Unidas uma parte dos países abandonava a sala. -----

De 1926 a 1974 Portugal não tinha tido um único dia de liberdade, não tinha tido praticamente nenhum progresso civilizacional e a vida quotidiana de então pode ser descrita recorrendo a uma expressão que Ramalho Ortigão usara muitos anos antes, no séc. XIX: o dia-a-dia resume-se ao trottoir, à cocotice, ao luxo pelintra da toilette! -----

De 1926 a 1974 Portugal foi o país do Não. Os portugueses não podiam votar, não podiam reunir-se, não podiam divorciar-se, não podiam escrever ou ler o que queriam ou sentiam, não podiam dizer o que pensavam, não podiam adquirir, em muitos casos nem as coisas mais básicas, não podiam ver os filmes ou ouvir a música, não podiam usar isqueiro. Neste país do não a situação das mulheres e dos pobres era obviamente pior. Aos pobres tudo era negado, o pão, a educação, a saúde, a habitação, o vestuário, o calçado, a liberdade. Às mulheres mesmo as menos pobres, pouco mais que aos pobres era consentido e até para irem a Badajoz comprar rebuçados precisavam de autorização do pai ou do marido. Não discutimos Deus, não discutimos a pátria, não discutimos a família, ou seja, não discutimos nada. E obviamente era proibido dizer Não! -----

Nas palavras recentemente publicadas de Pessoa "O Império do chapéu, do colarinho e da bota// Quem está além sentado, altivo? (...) um idiota." -----

Por isto que aqui se disse e pelo muito que não se disse os portugueses abraçaram o 25 de Abril de 1974, cantaram e dançaram no primeiro 1º de Maio, vestiram-se a rigor para irem votar pela primeira vez e respiraram liberdade quando o PS ganhou as eleições para a constituinte derrotando a Extrema- Esquerda e o Partido Comunista, que desde o 25 de Abril vinham tentando instaurar um novo regime totalitário, agora em modelo mais a leste, em modelo soviético. -----

Depois de terem legalizado os partidos políticos, aprovado a constituição, não sem antes terem negociado a independência das ex-colónias, de terem acolhido aqueles que foram obrigados a regressar das Áfricas, os portugueses arregaçaram as mangas e foram construir um país, afinal estava tudo para fazer; um país moderno, inspirado num modelo social europeu, nessa Europa a que haveriam de aderir em 1985. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

Césare Pavese ensinou-nos que um país quer dizer não estar só! -----

E trabalharam arduamente, substituíram o aparelho de Estado, implementaram o poder local (lembremo-nos que no 25 de Abril apenas 47% dos portugueses tinha saneamento básico), rasgaram estradas e aumentaram os transportes, renovaram a Justiça, criaram o Serviço Nacional de Saúde, universalizaram a Escola Pública e a Segurança Social, construíram habitação, retiraram milhares de pessoas da pobreza, dignificaram a mulher, solidificaram a paz e a liberdade, em suma fizeram um país novo, mesmo com o quase sempre voto contra de alguma esquerda para quem nada é suficientemente de esquerda! -----

E criaram indicadores para que transparentemente todos os portugueses pudessem acompanhar, pensar e criticar o modelo social que se ia criando. -----

Quando chegámos ao ano 2000 o PIB que em 1974 era 47% da média Europeia, 25 anos depois era de 75%. Verdadeiramente notável! -----

Mas eis que uma crise financeira, que a História acabará por clarificar, levou os portugueses a elegerem o governo mais à direita que o país conheceu. Apresentando-se ao eleitorado com um programa que rasgaram mal ganharam as eleições e evocando outra vez o sombrio argumento das contas públicas, o governo PSD/CDS tem vindo a levar o país para uma situação socialmente caótica e economicamente insustentável. -----

Baseado no modelo neoliberal de Friederich Hayeck e Milton Freedon, este governo, sem consultar ninguém, tem vindo a substituir o modelo social Europeu, que levou 40 anos a construir, por um modelo neoliberal semelhante ao americano. -----

Assistimos todos os dias pasmados e incrédulos à destruição do Serviço Nacional de Saúde, da Escola Pública, da Segurança Social, da Solidariedade, do Respeito Constitucional, ao convite aos jovens qualificados, que custaram dinheiro ao país, a emigrarem, os portugueses são rotulados de lamechas e apelidados de querem viver à custa dos povos que trabalham, em suma assistimos a um retrocesso civilizacional como ouve dizer-se: estamos quase de volta ao Não. Não podemos, não trabalhamos, não produzimos... -----

Quando há retrocessos são os pobres e as mulheres os mais afetados e aí estão os indicadores: a pobreza e o risco de pobreza aumenta nos idosos e nas crianças, o desemprego aumenta especialmente o jovem e o feminino, a dignidade humana e nela a dignidade da mulher vêm sendo claramente diminuídas e por muito que algumas instituições fomentem a dignidade da mulher, como a Camara municipal de Odivelas e esta Assembleia que acaba de aprovar um regimento feito em linguagem inclusiva, a verdade é que não há dignidade que resista à insuficiência económica e à fome. -----

Tal como no Estado Novo que o país passava fome mas o ouro aumentava no banco de Portugal também este governo, fluente em mentirologia e sem qualquer respeito pela palavra, nos diz que o país está melhor



Assembleia Municipal de Odivelas

[Handwritten signature]

as pessoas é que não. Citando novamente Pessoa, "(...) morre o país// quem rege os ministérios?//um inútil!" -----

Karl Popper ensinou-nos que qualquer política que sacrifique o presente de um povo em nome de uma teleologia de futuro é apenas e somente um embuste, pela razão simples que não é possível prever ou controlar o futuro, como Popper dizia não se constroem futuros sem raízes. -----

É porque este governo nos está a dar cabo do presente que este governo deve ser derrotado! -----

Viva o 25 de Abril, -----

Sempre, -----

em nome da liberdade!" -----

Usou da palavra o Sr. **Presidente da Assembleia Municipal, Miguel Cabrita:** -----

"Exmas. Senhoras e Senhores-----

1. Em meados do século XX, no pós-II Guerra Mundial, T.H.Marshall tipificou os principais direitos de cidadania vigentes em particular no Ocidente: os direitos civis (as liberdades individuais, como a de expressão, que surgiram durante o século XVIII), direitos políticos (de organização e participação política, centrais no século XIX) e os direitos sociais (cujo advento marcaria o século XX). -----

Sabemos hoje que, além destes, os direitos humanos e os direitos naturais e ambientais entraram também na agenda política. Mas mesmo olhando para o núcleo duro dos direitos identificados na tipologia clássica de Marshall, não podemos deixar de nos interrogar. Sobre o trajeto do nosso país ao longo do século XX e sobre as perspetivas que temos neste princípio de século XXI. -----

2. Em Portugal, 48 anos de autoritarismo conservador deram a muitas gerações de portugueses – mesmo àqueles que só vieram depois – um país atávico, anacrónico, fora do seu tempo e mal preparado, muito mal preparado, para os tempos que se avizinhavam. -----

Um país pobre, muito pobre, no capital de qualificações da população. Um país que em que demasiado poucos prosseguiram estudos para além do ensino primário, e em que mesmo esses eram separados pela classe social aos 11 anos. Um país em que o acesso à saúde e à proteção social mais básicas eram um privilégio de muito poucos. Um país em que o divórcio não era permitido, em que as mulheres tinham de ter autorização escrita do marido para viajar, em que o código civil dava força de lei à desigualdade entre homens e mulheres na família. Um país em que larguíssimos sectores da população viviam abandonadas à sua própria sorte – em que o Estado só se preocupava na verdade em vigiar e punir, não em proteger, apoiar, muito menos emancipar. -----

Mas também um país de monopólios e oligopólios, protegidos e completamente impreparados para competir na economia mundial. Um país pobre, muito pobre, em infra-estruturas, em vias de comunicação, em tecnologia. Um país de industrialização incipiente e atrasada; e de uma agricultura de subsistência, de



Assembleia Municipal de Odivelas

pobreza para milhões de pessoas. Que não precisaram de convite para emigrar e desertar o mundo rural; foram obrigados a partir para o exterior e para a periferia das cidades, tantas vezes sem quaisquer condições, em bairros de lata. -----

Um país de economia colonial e exangue por 14 anos de guerra colonial em várias frentes: a guerra mais longa, mais dispersa, mais estúpida e mais impossível de ganhar que algum país do Ocidente teve de travar só, mesmo que orgulhosamente, no século XX. Uma teimosia e uma cegueira que sacrificaram uma geração – e em particular os jovens das classes sociais não protegidas pelo regime – e que nos empurraram para uma economia de guerra durante uma década. Canalizando para aí recursos que outros países europeus usaram para tirar pleno partido das condições favoráveis do pós-guerra no Ocidente. -----

Para expandir a educação, a proteção à família, os cuidados de saúde, a proteção social, mas também para tornar a economia competitiva, para industrializar, para criar infra-estruturas. -----

Um país de silêncios, impostos. De censura. De prisões políticas. De tortura. De perseguições. De saneamentos políticos. -----

Um País de contradições e impasse profundos. Um País que parecia não ter futuro. Também por isso, a esperança desmedida de todos aqueles que fizeram Abril. Que viveram Abril. Que acreditaram que o sonho de um país moderno e desenvolvido era possível. -----

E foi, afinal. -----

3. Voltando aos direitos de Marshall, a madrugada de 25 de Abril de 1974 abriu caminho aos direitos que durante quase 50 anos foram negados. Cruelmente reprimidos, congelados. Em muitos casos, aliás, direitos que já a República, e mesmo a monarquia constitucional tinham consagrado. Os portugueses e portuguesas só nesta altura tiveram acesso às mesmas condições básicas de cidadania de outros países do Ocidente. Só em 1974 se puderam realinhar com uma pertença europeia que, pelo menos desde 1945 se havia tornado uma miragem. -----

Os direitos alargados – civis, políticos e sociais – de Abril e dos anos que se seguiram foram mais que uma lufada de ar fresco. Foram o ar fértil e fecundo de que se cimentou o regime democrático e um projeto de modernização para o país. Uma modernização técnica e estrutural, mas também de emancipação e de bem-estar. -----

A convergência com os países mais desenvolvidos, nas leis e no modelo de sociedade, mas também nos indicadores económicos e sociais, foram uma realidade que ganhou sedimentação e que acelerou – e muito – com a adesão europeia. -----

Mas sempre soubemos, e somos hoje lembrados com aguda dureza, que os atrasos de décadas não se desvanecem. Que, para o bem e para o mal, o que é sólido às vezes desfaz-se no ar. Mas persegue-nos como uma sombra presente. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

O país de 24 de Abril pode ser hoje uma memória distante. Mesmo para os que nele viveram. Ainda mais para quem só o conhece de palavras, de história(s), de imagens, de fotografias – das pessoas, das cidades, dos campos – em que quase não nos reconhecemos. -----

Mas o lastro desse país ainda está connosco. Esteve sempre. -----

Está presente na nossa impreparação, apesar de todos os progressos, tão rápidos, tão vastos, tão impressionantes, para lidar com desafios estruturais que em muitos casos transcendem as nossas fronteiras. -----

Partimos para muitos dos desafios da modernidade e do desenvolvimento com um atraso de décadas. E além do atraso cronológico, tivemos também condições muito mais desfavoráveis do que outros países.

As últimas décadas foram de profundas transformações em Portugal. Económicas, sociais, culturais. Mas também o foram na Europa, e no lugar da Europa no mundo. -----

A economia mundial mudou profundamente e a Europa sofreu com essas mudanças; os níveis de crescimento tornaram-se gradualmente anémicos. O projeto europeu mudou e aprofundou os seus níveis de integração, mas também os seus desequilíbrios, impasses e contradições internas. O consenso ideológico em torno do modelo de sociedade na Europa desvaneceu-se. -----

O professor António Costa Pinto lembrava-nos ontem no II Congresso de Odivelas que se nos tornámos um regime democrático após 1974 o devemos muito aos protagonistas de então. Mas também à geografia europeia. Porque noutras latitudes as democracias estavam longe de ser a regra, mesmo no Ocidente. -----

Pois bem, a geografia também continua hoje connosco, e se não estivermos todos muito enganados, assim deverá permanecer. Bem sólida, sem se desfazer no ar. Estamos na Europa, e no euro. Mas no Sul da Europa, que sofre duramente com o modelo de construção europeia que parece ter vingado. Uma Europa onde a ideia de convergência se esbateu, onde a palavra e o imperativo “coesão” se desfez, esse sim, no ar, banida dos documentos oficiais. -----

4. Naturalmente, podemos e devemos discutir as opções de política interna que em muitos casos só pioraram estas condições já de si difíceis. E no nosso passado recente, por necessidade mas também por convicção ideológica em vários campos. -----

Volto, uma última vez, aos direitos de Marshall. Para lembrar como, também aqui, as condições difíceis dos últimos anos se refletem. E para lembrar como, do mesmo modo que a moldura democrática e de bem-estar que construímos ajudaram a suportar e a legitimar o regime saído de Abril e do Processo que se seguiu, também a erosão dos direitos – de todos os direitos, não apenas os sociais – fomenta sinais de erosão, de deslegitimação. -----

Os direitos sociais, claro, à cabeça. Quando o abandono escolar recrudescer e a escola pública tem cada vez menos recursos; quando a pressão sobre a universalidade até dos cuidados de saúde se agiganta; quando a proteção social recua a olhos vistos. Quando o desemprego atinge níveis nunca antes vistos em Portugal, e atinge sectores vastos das classes médias, jovens e adultos também entre os mais qualificados.



Assembleia Municipal de Odivelas

Quando o Estado corrói a confiança das pessoas ao fazer tábua rasa dos direitos adquiridos; mesmo entre aqueles que já não podem trabalhar, mesmo entre aqueles que descontaram durante décadas e usufruem não de qualquer solidariedade mas dos descontos que eles próprios fizeram, com as regras que lhes proporcionaram. -----

Mas também, num certo sentido, os direitos políticos. Que lugar para a escolha política quando é uma troika exterior que impõe e fiscaliza a agenda política, e que se prepara para o fazer não só numa emergência mas, ao que se lê, durante mais de 3 décadas? E que lugar para a representação de interesses, quando temos um poder central que desrespeita sistematicamente o diálogo social e os parceiros sociais? Também eles uma conquista de Abril. -----

E inclusivamente os direitos civis. Porque não há verdadeiras liberdades individuais em contextos de escassez e de precaridade que correm o risco de se generalizar. Nem com um Estado que é intrusivo em matéria fiscal e no controle dos beneficiários de apoio social. Mas laxista em matéria de fiscalização laboral; e, aliás, em matéria de regulação dos mercados, em geral. Que aumenta impostos sobre os rendimentos do trabalho, mas atenua a carga fiscal sobre os lucros das empresas. Que permite a concentração dos meios de comunicação social, muitas vezes com pouca transparência (há uns anos, alguns falavam de asfixia democrática, não sei se continuarão a senti-la). -----

Não quero, nem posso, tomar mais do vosso tempo. Mas quero chamar a atenção para esta perigosa erosão dos direitos em Portugal. -----

Os direitos – civis, políticos, sociais – não são imutáveis, nem tão sólidos que não se desfaçam rapidamente. (Sobretudo quando, em muitos casos, têm em Portugal 40 anos ou menos, uma gota de história no longo prazo...) -----

Os direitos não são sagrados nem intocáveis. São bens muito concretos e servem propósitos muito para além da sua própria existência. Servem, em particular, para garantir às pessoas, às famílias, às empresas também, condições de existência justas e equitativas, com que todos se possam identificar. Numa palavra, constroem comunidades – de regras, de identidades, de interesses. -----

É essa comunidade que corremos o risco de ver erodir. Sem que estejamos a ser capazes de mudar este longo e lento processo de fragilização – das pessoas, das empresas, dos partidos políticos, dos parceiros sociais, do Estado e das suas instituições, (da justiça à autoridade, dos direitos sociais ao poder local). Um Estado que sempre foi fraco em Portugal, e cuja legitimidade junto das pessoas não beneficiou das décadas de autoritarismo, vigilância e repressão sem cuidar das pessoas. -----

Quarenta anos depois de Abril, é esta consciência que temos de tornar bem viva. De que a erosão do que tomamos como adquirido é rápida, se as condições certas – ou erradas, neste caso, estiverem reunidas. Sob pena de um dia acordarmos, demasiado tarde, de novo num país distante, em que nem a comunidade que construímos, nem os sonhos bem reais que nos guiaram, de modernidade e desenvolvimento, têm condições para voltar a medrar. No país e em cada um de nós. -----



Assembleia Municipal de Odivelas

5. A margem de cada um de nós e de cada instituição para promover mudanças de grande alcance é, claro, num cetro sentido limitada. Mas existe e tem de ser utilizada. -----

Quero aqui reiterar o compromisso da Assembleia Municipal de Odivelas com a promoção da qualidade do debate político, da proximidade do poder local e da participação das pessoas em igualdade de oportunidades. -----

Ainda recentemente, a AMO aprovou um regimento que consagra a linguagem inclusiva, não discriminatória de homens e mulheres. É mais um passo pioneiro dado em Odivelas e um exemplo que fazemos votos que, a partir de Odivelas, possa ser expandido a outros órgãos do poder local. -----

Mas na vida fora dos regimentos, precisamos de estimular a proximidade dos órgãos políticos aos cidadãos; a participação das pessoas; e a reflexão qualificada sobre as políticas locais. -----

Neste sentido, quero aqui afirmar, perante vós, que vou propor à Comissão Permanente da Assembleia Municipal a adoção de iniciativas concretas neste domínio. E desde logo, no campo da reflexão e qualificação das políticas públicas, que a AM organize ainda este ano – um ano tão especial de evocação da participação política e cívica – uma conferência sobre o orçamento participativo a ter lugar na segunda metade deste ano. É uma matéria em que Odivelas tem pergaminhos de que se orgulha. É uma matéria que exemplifica bem que existem instrumentos para melhorar a relação entre os cidadãos e a política. Estimulando a comunidade que por vezes, demasiadas vezes, nos escapa por entre os dedos. -----

Como casa da democracia e da pluralidade, a Assembleia Municipal tentará fazer a sua parte nesta luta coletiva em que cada um de nós tem um papel a desempenhar. E sei que não estaremos sozinhos. -----

Esta luta e este esforço tem que ser de todos. Para consolidar os direitos que conquistámos em Abril. ----

E para lhes acrescentar novos horizontes. Mais Liberdade. Mais Democracia. Mais Igualdade. Mais Coesão. Esta luta e este esforço convoca-nos a todos. E passa por sermos capazes de juntos festejar o 25 de Abril e homenagear os que o tornaram possível. -----

Celebramos, por isso Abril. Sempre, Abril. -----

Pela democracia e pela liberdade. Pelo acesso ao bem-estar e pela coesão, pela educação, pela saúde, pela segurança social. Por tudo o que sonhámos e queremos continuar a tornar possível. Todos os dias. Para todas as gerações de portuguesas e portugueses. -----

Em 2014. Mas não só em 2014. -----

Viva o 25 de Abril. Sempre. -----

Muito obrigado.” -----



Assembleia Municipal de Odiveelas

Nada mais havendo a tratar, o **Senhor Presidente da Assembleia** declarou encerrada definitivamente a Sessão pelas 19h30, dela se tendo lavrado Minuta, a qual, depois de lida pelo 1.º Secretário e aprovada pela Assembleia, foi assinada pelo Senhor Presidente e 1.º Secretário e 2.º Secretários-----

O Senhor Presidente

O 1º Secretário

O 2º Secretário

[Handwritten signatures]
Antonio Tereza
Jairo